

Visões sobre os *Comentarios Reales*, de Inca Garcilaso, e *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, de Guaman Poma de Ayala.

Alex Neiva¹

(USP – São Paulo – Brasil)

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar uma leitura introdutória e panorâmica sobre as obras *Comentarios Reales*, do mestiço Inca Garcilaso de la Vega, e *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, do indígena Guaman Poma, autores da literatura colonial hispano-americana, situados em um período de transição do século XVI ao XVII. Desenvolvem-se aqui os conceitos de sujeito cindido, das transformações do enunciador narrativo, da questão da natureza híbrida dos gêneros, na obra de Inca Garcilaso. Em Guaman Poma, discute-se a relação entre texto escrito e visual, bem como as influências pré-hispânicas e ocidentais. O que une esses autores é a construção de um discurso engendrado sob um posicionamento político a partir do desejo de pensar as condições históricas e pessoais dentro da perspectiva do mestiço e do indígena.

Palavras-chave: Literatura Colonial Hispano-Americana, Inca Garcilaso, Guaman Poma, Discurso, Crítica e Interpretação.

Abstract:

This article aims to present a reading and introductory overview of the works *Comentarios Reales*, the mestizo Inca Garcilaso de la Vega, and *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, the Indian Guaman Poma, authors of the Spanish-American colonial literature, situated in a period of transition from the sixteenth to the seventeenth century. Developed here the concepts of subject split, the narrative transformations of the speaker, the question of the nature of hybrid genres in the work of the Inca Garcilaso. In Guaman Poma, discusses the relationship between written text and visual, as well as the influence of the pre-Hispanic and Western. What unites these authors is the construction

¹ Alex de Araujo Neiva é graduando em Letras pela Universidade de São Paulo – USP, pesquisador de iniciação científica, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Correio eletrônico: alex.neiva@usp.br <http://lattes.cnpq.br/4993636927967455>

of a discourse engendered in a political position from the desire to think the conditions within the historical and personal perspective of the mestizo and indigenous peoples.

Keywords: Hispanic-American Colonial Literature, Inca Garcilaso, Guaman Poma, Speech, Criticism and Interpretation.

INTRODUÇÃO

O livro *Comentarios Reales*, do mestiço Inca Garcilaso de la Vega, foi concebido como uma estrutura bipartite. A primeira parte se volta para o mundo incaico, pré-hispânico, em que Inca Garcilaso vai buscar as origens de sua filiação materna, mais especificamente, é a história da sucessão de imperadores: de Manco Capac até a morte de Atahualpa, com a chegada dos espanhóis. A segunda parte corresponde à conquista do Peru e as guerras civis posteriores, é conhecida como o lado paterno de Inca, em que há re-significação e justificação da participação histórica de seu pai, sobretudo no célebre episódio da batalha de Huarina¹.

Na primeira parte, Inca faz uma incursão por um passado perdido, através da minuciosa descrição dos costumes, ritos e tradições da cultura incaica. As fontes principais para a constituição desse universo são o testemunho oral dos indígenas e a historiografia disponível à época sobre a América colonial. O foco narrativo se volta para o passado, na tentativa de legitimar, a partir da palavra escrita, a cultura oral incaica. Ao reavivar esse passado, Inca não só o projeta em pé de igualdade com o universo da cultura ocidental, como reserva a si mesmo um lugar de enunciador, de descendência nobre, que merece, portanto, receber as benesses advindas da coroa espanhola. Não procura somente reaver esse legado da tradição incaica, como também busca validar a segunda parte de sua obra como fruto da experiência do visto e do vivido. Verifica-se aqui uma enunciação mais próxima ao tempo presente. Segundo González Echevarría (2002, p.113),

Lo que hace tan latinoamericana la historia del Inca no es la narrativa de su origen no europeo, sino la necesidad de incluirla como parte de esquema de su legitimación. En cierto sentido, podría decirse que la primera parte cabe dentro del diseño de la segunda y depende de ella, y no al contrario.

A segunda parte versa sobre a consolidação do domínio espanhol e as lutas internas pelo poder político e econômico da região. O domínio da palavra escrita, ou, de “La ley de la letra”, como denomina Echevarría, é de fundamental importância para a apropriação dos meios de dominação de uma cultura legalista, como a da colonização espanhola. Os procedimentos estético-formais empregados não são utilizados de maneira aleatória, como evidencia já à época de Garcilaso, a bem sucedida tradição de cartas de relação, que têm um ritmo acentuadamente jurídico que visa criar um efeito de sentido favorável na recepção desses textos, procedimento presente principalmente na segunda parte dos Comentários Reales.

Para uma leitura mais atenta às possíveis motivações da obra de Inca, está o desejo de justificar e revisar a participação histórica de seu pai, Sebastián Garcilaso de la Vega. Como já se sabe, Inca buscou dialogar com diversos historiadores, como Gómara, Agustín de Zárate, José Acosta, Cieza de León, Palentino, entre outros, refutando particularmente a versão sobre o episódio da batalha de Huarina, segundo a qual Sebastián teria oferecido seu cavalo ao insurgente Gonzalo Pizarro, o que teria motivado a derrota dos apoiadores da coroa espanhola. Esta versão veiculada pela historiografia foi um empecilho ao desejo de Inca Garcilaso de receber as benesses da coroa espanhola, como descendente de conquistador da empresa colonial. Para González Echevarría (2002, p.115),

Los Comentarios reales están tramados en torno de esa escena en la que el padre de Garcilaso ofrece cabalgadura al traidor sin caballo. En este sentido, el libro es en realidad una relación, una carta de apelación al Consejo de Indias para dejar sin tacha el nombre de Sebastián y se le concedan a Garcilaso sus demandas.

A construção de um *ethos* favorável à figura de Inca Garcilaso se dá por meio da demonstração de nobreza tanto do lado materno quanto do paterno. Um dos exemplos mais evidentes é a atribuição de sentido positivo à linhagem materna quando se refere à chegada do primeiro inca, Manco Capac, como o semeador da luz em meio à escuridão que adviria da falta de organização social dos pré-incaicos. Estabelece-se aí um campo semântico positivo para o primeiro inca por oposição negativa aos pré-incaicos. Outra atribuição positiva por oposição seria demonstrada pela crítica ao último imperador Atahualpa, o que faz Garcilaso desvencilhar a imagem de seus antepassados

com a do monarca, eximindo-os de certa forma da culpa pela derrocada do império inca. Seria mais uma das tentativas de criação de um lugar discursivo de elevação para seus ascendentes e também para si.

A construção do sujeito discursivo nos *Comentários Reales* não é uma modalidade estável, mas se dá de maneira cambiante, de modo que é necessário considerar os sujeitos que são projetados em determinado espaço da enunciação, pois é impossível vislumbrar uma unidade totalizante e indivisível na composição do sujeito narrativo criado por Inca. A crítica atribui a essa rotatividade dos sujeitos enunciativos uma espécie de procedimento de validação da escrita mestiça, segundo o qual o interesse recairia não só na dualidade de fontes (incaica e espanhola) como na autoconstrução do sujeito que fala e do lugar de que se fala no texto. Para Cornejo Polar (2003, p.84), há inúmeros lugares de enunciação ao longo dos *Comentarios Reales*,

[...] visto como sujeto de la enunciación, el Inca ensaya un extenso abanico de posiciones discursivas. En efecto, sin tomar en cuenta los varios nombres que fue usando a lo largo de su vida, Garcilaso habla a veces como servidor fiel de su Majestad, a veces como mestizo doblemente noble, a veces simplemente como mestizo, a veces como Inca y a veces como indio. Son figuraciones de la persona que admiten variantes interiores y que, por cierto, no son siempre ni necesariamente excluyentes.

MEMÓRIA HISTÓRICA E MEMÓRIA INDIVIDUAL

A forma peculiar como o sujeito da enunciação se apresenta se relaciona com o caráter contraditório com que Garcilaso lida com a memória histórica e a memória individual. A memória individual se volta para os limites de uma comunidade, de grupos ou de indivíduos que partilham determinadas experiências. Quando está memória ganha um estatuto literário pode se tornar uma autobiografia. Há inúmeros momentos nos *Comentarios Reales* em que o relato histórico se transforma em relato autobiográfico (INCA GARCILASO, I, cap.VII p.22).

Yo nací ocho años despues que los españoles ganaron mi tierra, y como lo he dicho, me crié en ella hasta los veinte años, y asi vi muchas cosas de las que hacían los indios en aquella su gentilidad, las cuales contaré, diciendo que las vi. [...] Los condiscípulos, tomando de veras lo que les pedí, cada cual dellos dió cuenta de mi intención a su madre

y parientes; los cuales, sabiendo que un indio, hijo de su tierra, quería escribir los sucesos de ella, sacaron de sus archivos las relaciones que tenían de sus historias, y me las enviaron.

O relato autobiográfico, muito além do auto-elogio e da necessidade de construir um lugar (fama, glória, status social), se explica como complexo procedimento historiográfico em Inca Garcilaso. O fragmento escolhido mostra que a justificativa para o relato da experiência pessoal é que esta se congrega a experiência histórica (las cuales contaré, diciendo que las vi). Forma-se, então, um construto simbólico que projeta, para além da obviedade do relato histórico e individual, um terceiro lugar que abarca o componente étnico do mestiço, do homem e de seu drama pessoal, das demandas legais do indivíduo na ordem social e das metamorfoses do sujeito enunciador, numa espécie de harmônica instabilidade, ou de um pluri-perspectivismo singular.

As posições deste enunciador são explicadas pela mobilização de conteúdos particulares, no fragmento exposto, ele se denomina índio para criar uma identificação com seus conterrâneos colaboradores, mas em outros trechos ele se designa Inca para marcar um lugar nobiliário, em outro momento, coloca-se como um escritor erudito. Segundo Cornejo Polar (2003, pp.84-85),

Me parece claro, sin embargo, que ‘indio’ e ‘Inca’ funcionan casi como hipérboles de la extrañeza de ser mestizo, pero dentro de un código siempre ambiguo que a veces delata modestia y a veces soberbia, [...] Casi podría decirse que la autodefinición del mestizo real como indio o Inca escriturales es una forma de subrayar la alteridad de ese discurso y de quien lo emite.

LÍNGUA E CULTURA

Além da alteridade discursiva característica desse sujeito cindido entre dois mundos, há outra preocupação particularmente interessante: a língua como forma de conhecimento para aceder à cultura incaica. Nas “Advertências sobre a língua geral dos Índios do Peru”, ressalta-se a importância de se conhecer as particularidades do sistema lingüístico da língua quéchua, a língua geral do Peru, procedimento que, segundo Garcilaso, não era respeitado pelos historiadores espanhóis, pois corrompiam “las

dicciones índias”. Explicita-se a seguir resumidamente a descrição de Inca Garcilaso acerca da língua falada pelos incas, (*Comentarios Reales, Selección, 2.Advertencias, p.140*):

- Há diferentes significações para uma mesma palavra: uma se pronuncia na região labial, outra no paladar, e outra no interior da garganta.
- As palavras da língua geral de Cuzco quase sempre são paroxítonas, poucas são proparoxítonas, e nunca oxítonas.
- Não há as letras *b,d,f,g,j, l* (simples), *rr* (duplicada) e *x*, mas há *ll* (duplicada) e *r* (simples) tendo como base o alfabeto espanhol.
- Não há número plural, mas partículas que indicam pluralidade.

Inca faz descrições de natureza fonológica, morfológica e ortográfica, é claro que de maneira pouco sistemática, mas que já demonstra seu interesse para com a língua, postura essa que, guardadas as devidas proporções, assemelha-se a de um ensaio sobre lingüística. Há também uma preocupação filológica no sentido de ser fidedigno às formas originais do quéchua e manter a grafia utilizada pelos historiadores espanhóis como forma de contrastar e situar a importância dos *Comentarios Reales*.

O purismo lingüístico de Inca Garcilaso é visto como forma de ascensão a um universo cultural particular, e ao mesmo tempo, de preservação das tradições incaicas. A pitoresca advertência que Inca faz aos mestiços de sua terra para que eles sustentem a pureza do idioma é entendida aqui como reivindicação de um status de língua (como um lugar de prestígio), pois se pensa a língua quéchua como um sistema independente de todas as outras variedades de línguas indígenas. Além disso, Garcilaso a compara com outras línguas românicas conferindo-lhe uma importância jamais vista em todo o período histórico colonial. Provavelmente, é um dos primeiros intelectuais a pensar, residindo em solo espanhol, a necessidade do “bem falar” a língua de seus antepassados como mecanismo de resistência simbólica a uma possível dissolução da memória histórica. [...] que yo harto hago en señarles con el dedo desde España los principios de su lengua, para que la sustenten en su pureza, que cierto es lástima que se pierda o corrompa, siendo una lengua tan galana. (INCA GARCILASO, *Selección, 2.Advertencias p.142*)

A NATUREZA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

De todas as particularidades apontadas até aqui, nada gera tantas leituras e tantos problemas teóricos como a natureza híbrida dos gêneros do discurso nos Comentarios Reales, pois nesta obra de maturidade de Garcilaso é utilizada uma variedade de gêneros discursivos como o comentário, a autobiografia, a crônica, a historiografia, o ensaio de lingüística diacrônica, entre outros. Como exemplo desta mobilização de gêneros discursivos, citam-se trechos do episódio “La casa de las vírgenes dedicadas al Sol”, como pequena mostra da complexidade dos Comentarios Reales (INCA GARCILASO, IV, cap.I, pp. 83 -85):

Tuvieron los reyes Incas en su gentilidad y vana religión cosas grandes dignas de mucha consideración, y una dellas fué la profesión de perpetua virginidad que las mujeres guardaban en muchas casas de recogimiento que para ellas en mucha provincias de su imperio edificaron; y para que se entienda que mujeres eran éstas,

[...] lo diremos como ello era, porque los historiadores españoles que desto tratan pasan por ello conforme al refrán que dice: ‘como gato por brasas’. [...] Cuando yo salí de aquella ciudad el año mil y quinientos y sesenta, era esta calle la principal de los Mercaderes. Dentro en la casa había mujeres mayores de edad que vivian en la misma profesión envejecidas en ella; [...] las llamaban Mamacuna, que intepretádo-lo superficialmente, bastaría decir matrona; empero para darle toda significación, quiere decir mujer que tiene cuidado de hacer oficio de madre, y desta particula cuna, que por si no significa nada.

Nos trechos apresentados, os limites entre gêneros são muito tênues. O discurso historiográfico dá lugar ao relato autobiográfico, e este por sua vez converte-se em um relato de um cronista. O episódio “A casa das virgens dedicadas ao sol” é um registro das práticas religiosas da tradição incaica em que se descreve com riqueza de detalhes o ritual de resguardar as virgens para o Deus Sol, prática que, segundo Garcilaso, não teve a devida atenção da historiografia. Crítica que expõe o desejo de revisão da historiografia oficial e ao mesmo tempo confere um lugar de enunciação retoricamente engendrado por esse enunciador. Inca também faz considerações de natureza lexical (Mamacuna = Matrona), evidenciando sua preocupação em levantar e explicar de modo não sistemático um corpus que revela as peculiaridades da língua inca

antes mesmo do surgimento de estudos em dialetologia ou da própria lingüística histórica.

A crônica nos *Comentarios Reales* se situa entre um saber histórico e o testemunho autobiográfico, porque, por um lado, é o gênero que lida com informação, (neste caso informação histórica), e, por outro, a informação provém do relato pessoal dos fatos cotidianos. O que já é por si só contraditório, pois se trata de um testemunho de fatos banais que tem algo de histórico? A crônica na obra de Inca oscila entre a crônica narrativo-descritiva, quando se busca descrever e caracterizar seres; e a crônica histórica, em se tratando de feitos e fatos históricos.

Há ainda outro aspecto que dimensiona a complexidade da obra de Garcilaso: o trabalho de validação de um real imaginado, ou, como caracteriza Pupo Walker, a historicidade do imaginário, que consiste na possibilidade de se pensar o relato histórico a partir da implícita valorização da experiência imaginativa, que em parte se trata de um discurso da história que se mantém através de um constante reelaborar discursivo de um sujeito obstinado. Para a reconstrução do testemunho histórico, Inca Garcilaso supre as lacunas inerentes à memória individual e coletiva, intuito esse que já se anuncia de alguma maneira ao optar por traduzir a obra neoplatônica de Leão Hebreu, escritor sefardita expulso de Espanha e autor do *Dialoghi di Amore*. Como conclui Pupo Walker (1987, p.400), “En los comentarios el discurso no sólo ofrece una visión deslumbrante de la historia sino que inaugura además una manera americana de sentirla”.

Nueva Corónica y Buen Gobierno de Guaman Poma

O indígena Felipe Guaman Poma de Ayala, ao contrário de Inca Garcilaso, reivindica que as práticas culturais incaicas são anteriores ao império de Manco Capac, não endossa a idéia de configuração caótica das primeiras sociedades que lá habitavam tampouco valoriza a oposição trevas / luz como recurso dimensional do mito fundador da civilização inca. Para Guaman Poma, não há espaço anterior, como que desgarrado dos processos históricos, mas considera que essas diferentes etapas não devem ser excluídas, pois são significativas para equacionar a História.

A obra *Nueva Corónica* é constituída por textos e desenhos de Guaman Poma; é, portanto, texto visual e verbal. Como vemos nas lâminas a seguir:





A peculiaridade da relação entre a materialidade textual e visual se dá menos pela correspondência entre elas do que pela inusitada capacidade de contradição que uma forma tem para com a outra, pois há partes em que os índios que jamais roubam no texto verbal são mostrados roubando no texto visual. Não se trata de mera ilustração ao texto verbal, mas da introdução de um novo olhar (com fins políticos), que pode ter uma relação de concordância ou discordância para com o texto escrito, o que demonstra uma visão independente que é capaz inclusive de criticar o mundo inca. Como se sabe, Guaman Poma recebeu forte educação voltada para as tradições incaicas, mas também aprendeu, como muitos de seus conterrâneos, uma educação religiosa católica passada

pelo seu meio-irmão o ermitão Martin de Ayala. Daí o sincretismo religioso presente nas suas placas (formadas por desenho e texto).

Nueva Corónica é dividida em duas partes: uma primeira, voltada para o mundo pré-incaico; e uma segunda, para o mundo incaico, fazendo também a denúncia da vida cotidiana das primeiras décadas do regime colonial. Neste sentido, é uma crônica de um passado distante e dos reinos mais próximos à época do autor.

Os desenhos de Guaman Poma, segundo a sistemática pesquisa do grupo de estudos surgido em Limaⁱⁱ, possuem um sistema de organização simbólico baseado nos modelos do pensamento indígena, segundo o qual o mundo é pensado sob uma ordem hierárquica baseada em dualidades como: alto – baixo (Hanan – Hurín), direita – esquerda, masculino – feminino, sol – lua, entre outros, separados por campos semânticos mais valorativos e outros menos. As placas de Poma são produzidas a partir da divisão em nove lados e em quatro rumos, conhecidos como Tahuantinsuyu. Segundo Carlos González, Hugo Rosati e Francisco Sánchez (2003, p.41),

Desde la dualidad se puede alcanzar la idea de tetrapartición, base de la organización espacial del incario; así tenemos al Tahuantinsuyu, el mundo de los cuatro rumbos, dividido en: Chinchaysuyu (Rumbo Norte), Antisuyu (Rumbo Este), Collasuyu (Rumbo Sur) y Cuntisuyu (Rumbo Oeste). Se conformaría teniendo a Cuzco como centro u ‘Ombligo del Mundo’ como eje del par arriba-abajo del mundo o nivel terreno (Hanan-Hurín), aglutinando en el primero al Chinchaysuyu con el Antisuyu bajo la denominación de Hanan y al Collasuyu con el Cuntisuyu, bajo la denominación de Hurín.

A idéia de lateralidade (com sua divisão bipartite direita - esquerda) além de se relacionar à concepção de mundo de Guaman Poma, é um dos eixos definidores de seu posicionamento político sobre variados aspectos da história incaica e pré-incaica, que potencializa o jogo de combinações das influências pré-hispânicas e ocidentais em sua obra. Para ilustrar esse procedimento toma-se como exemplo o desenho da página 42, de *La Nueva Corónica*, conhecido como o mapa mundi de Poma, onde são representadas as Índias por sobre a Espanha, em claro intuito de apresentar uma postura distinta da cartografia ocidental, como explicado por Rolena Adorno em seu estudo sobre Guaman Poma (1986).

As influências ocidentais se fazem presente, sobretudo, por via do catolicismo e sua valorização dogmática do mundo sacro por oposição ao profano. A placa (número 01), que inaugura a *Nueva Corónica*, está assentada sobre hierarquias:



Conforme as indicações do grupo de pesquisadores surgido em Lima, no lado direito superior (de quem vem da placa em direção ao leitor-observador) está a autoridade papal; no lado esquerdo superior, o rei de Castela, tirando a coroa, ajoelhando-se em direção ao papa em sinal de respeito; no lado esquerdo inferior, o próprio autor, ajoelhado em respeito às duas autoridades. No centro, situam-se o escudo papal, o escudo de armas de Castela e da família nobre do autor, posicionados conforme o valor hierarquicamente conferido ao mundo divino e, por extensão, da influencia ocidental absorvida pelo indígena Felipe Guamán Poma de Ayala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a obra de Inca Garcilaso e de Guaman Poma de Ayala é espantar-se com a prodigalidade e complexidade do pensamento de autores que, já no século XVII, refletiram criticamente sobre os processos históricos do mundo hispano-americano. Nosso objetivo foi enfatizar o caráter altamente interessado de suas práticas discursivas e explicitar as intenções subjacentes de cada texto, buscando mapear suas principais temáticas, e relacionando-as ao contexto histórico-social em que se deram.

A reflexão nas obras *Comentarios Reales* e *Nueva Corónica y Buen Gobierno* se dá sob um olhar atento às especificidades da realidade hispano-americana através do resgate da memória histórica como mecanismo de afirmação de uma cultura e projeção de temas que serão fundamentais para a constituição do pensamento latino-americano.

REFERÊNCIAS

CORNEJO POLAR, Antonio, *Escribir en el aire*, Lima, Latinoamericana Editores, 2003.

GONZÁLEZ, Carlos; ROSATI, Hugo; SANCHÉZ, Francisco. *Guama Poma: Testigo del mundo andino*. Santiago: LOM Ediciones, 2003.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, R., “La ley de la letra”: los comentarios reales” in *Mito y Archivo*. México: FCE, 2002.

PUPO WALKER, E, “Los Comentarios Reales y la historicidad de lo imaginario” in *Rev. Iberoamericana*, nº 172 -173, jul-dic, 1987.

ⁱ Batalha em que se enfrentaram os seguidores do conquistador espanhol Gonzalo Pizarro e Diego de Almagro, em guerra civil motivada pela insurreição de Pizarro diante de Blasco Nuñez, primeiro Vice-Rei do Peru.

ⁱⁱ O grupo de estudos, formado por pesquisadores de diversas áreas, como Carlos González, Hugo Rosati, Francisco Sánchez, surgiu em 1996, em decorrência de uma polêmica suscitada no IV Congresso de Etnohistoria., em que alguns pesquisadores colocaram em cheque a autoria da crônica, atribuindo-a ao jesuíta Blas Valera. Este fato serviu de incentivo à análise sistemática do desenho de Guaman Poma, e teve como fruto a obra Guaman Poma. Testigo del Mundo Andino. Para mais informações conferir:

GONZÁLEZ, Carlos; ROSATI, Hugo; SANCHÉZ, Francisco. Guama Poma: Testigo del mundo andino. Santiago: LOM Ediciones, 2003.